

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ELEMENTOS PARA O ESTUDO DA "TERRA SIGILLATA" EM PORTUGAL. I MARCAS DE OLEIRO ENCONTRADAS NO PAÍS.

OLEIRO, João Manuel Bairrão

Ano: 1951 | Número: 61

Como citar este documento:

OLEIRO, João Manuel Bairrão, Elementos para o estudo da "Terra Sigillata" em Portugal. I Marcas de oleiro encontradas no país. *Revista de Guimarães*, 61 (1-2) Jan.-Jun. 1951, p. 81-111.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Elementos para o estudo da "terra sigillata,, em Portugal

I — Marcas de oleiro encontradas no País

POR J. M. BAIRRÃO OLEIRO

Bolsheiro do Instituto para a Alta Cultura.
Da Associação dos Arqueólogos Portugueses

À memória de Ruy de Serpa Pinto e do
Reverendo Padre Eugénio Jalhay

Nas páginas desta mesma *Revista de Guimarães* se publicou, em 1929, o primeiro estudo desenvolvido sobre «terra sigillata» em Portugal.

Assinava-o Ruy de Serpa Pinto, esse magnífico investigador cuja prematura morte todos lamentamos, e nele se estudava a série de estampilhas do Museu de Martins Sarmiento, dando-se, simultâneamente, umas noções gerais e mostrando-se a importância arqueológica, verdadeiramente excepcional, desta cerâmica ⁽¹⁾.

Em 1949, nas páginas da *Brotéria*, ocupava-se o Rev. Padre Jalhay de «Um vaso de olaria rutena na Citânia de Sanfins». Estudando uma marca de MOMMO, referia-se também à importância da «terra sigillata» e à necessidade de se iniciar o seu estudo sistemático em Portugal ⁽²⁾.

São estes os dois principais trabalhos portugueses sobre «terra sigillata»; e como, infelizmente para a Arqueologia portuguesa, os seus autores não pertencem já ao número dos vivos, queremos prestar-lhes homenagem dedicando-lhes um despretençioso

(1) R. de Serpa Pinto, «Museu de Martins Sarmiento. I — Machados de pedra polida. II — Machados de bronze. III — Terra Sigillata», separata dos vols. XXXVIII e XXXIX da *Revista de Guimarães*, 1929.

(2) *Revista Brotéria*, vol. XLVIII, fasc. 3, Março de 1949.

estudo que mais não é, afinal, do que a continuação do trabalho por eles encetado.

Para o estudo da «terra sigillata» em Portugal temos mais alguns elementos: a recolha de marcas feita por Hübner, com alguns erros de leitura (1); notícias breves em jornais e revistas como, por exemplo, *O Archeologo Português* e a *Revista de Guimarães*; umas notas de Leite de Vasconcelos no seu livro *De Campolide a Melrose*; e a notícia da «terra sigillata» encontrada na Citânia de Breiteiros, publicada pelo Coronel Mário Cardozo (2).

Não temos, porém, nenhum estudo de conjunto sobre esta variedade de cerâmica romana, que aparece com relativa abundância em estações portuguesas, e se reveste de uma importância muito particular, pelos elementos cronológicos, económicos e artísticos que fornece.

A falta de esse trabalho de conjunto era uma lacuna a preencher no campo da investigação arqueológica portuguesa, neste ponto em manifesta situação de atraso em relação a outros países.

Já em 1915 Leite de Vasconcelos a notava (3) e, em 1949, o saudoso Padre Jalhay incitava os estudiosos a levarem a cabo a cartografia da «terra sigillata», com vista ao seu valor arqueológico, social e económico, para o conhecimento dos problemas da dominação romana em Portugal (4).

Começámos a interessar-nos pelo estudo desta cerâmica após ouvirmos as lições que, sobre esta matéria, deram os professores Nino Lamboglia e Martin Almagro, no Curso de Arqueologia de Ampúrias, em Setembro de 1949, e iniciámos, então, o estudo sistemático dos achados verificados em Portugal.

Disponhamos da bibliografia mais importante nas bibliotecas do Museu Arqueológico Nacional e do Instituto Diego Velazquez, de Madrid, onde então fazíamos um estágio, e, no regresso a Portugal, em

(1) *Corpus Inscriptionum Latinarum II*, e Supl.

(2) *Citânia e Sabroso. Notícia descritiva*, 1948, pág. 40-45.

(3) *Ob. cit.*, pág. 30.

(4) *Ob. cit.*, pág. 6.

fins de Maio do ano passado, continuámos esse trabalho, embora lutando com as dificuldades que resultavam da falta de alguns livros essenciais.

O trabalho está muito longe de considerar-se terminado; mas, como nunca serão de mais todas as tentativas de estudo, principalmente quando trazem novos elementos ou diferentes interpretações, atrevemo-nos a publicar parte do que já fizemos.

Precederam este estudo a comunicação que enviámos, em Maio de 1950, ao Congresso Arqueológico do Sudeste Espanhol reunido em Alcoy, intitulada «Terra Sigillata—A propósito de algumas marcas de oficinas sud-gálicas, encontradas em Portugal», e a que lemos na 7.^a Secção do XX Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Outubro de 1950, em Lisboa), à qual demos o título de «O estudo da Terra Sigillata como auxiliar das investigações sobre a romanização do território português».

Este breve trabalho baseia-se, por razões de método, sobre as marcas de oleiro, os elementos mais seguros quanto à identificação e cronologia (1).

Pela reunião de um Corpus de marcas começou também o Seminário de História Primitiva del Hombre, ao empreender o estudo da «terra sigillata» hispânica (2).

Embora não tenhamos visitado senão um escasso número de museus portugueses, desde que começámos a interessar-nos pelo estudo da «terra sigillata», o ficheiro de marcas de oficina, que estamos organizando, já conta 131, a maior parte identificadas.

Estamos portanto muito além das 33 marcas recolhidas por Hübner e, quando tivermos possibilidade de visitar os outros museus portugueses, aquele número elevar-se-á seguramente.

Só o Museu Machado de Castro nos revelou, numa visita recente, 50 estampilhas de que citaremos, agora, apenas as que já foram identificadas.

(1) Felix Oswald, *Index of Potters' Stamps on Terra Sigillata*, Margidunum, 1931, p. VI.

(2) Josefa Casado Eguren, «Estudios sobre terra sigillata hispanica», in *Cuadernos de Historia Primitiva*, Madrid, 1946, ano 1, n.º 2, pág. 108-9.

As marcas de que nos vamos ocupar procedem de Alcácer do Sal, Alcoutim, Aramenha, Azinhal, do aro da antiga «Balsa», de Beja, Cárquere, Citânia de Briteiros, Citânia de Sanfins, Conímbriga, Faro, Fiães da Feira, Mértola, Milreu, Minas de Jales (Vila Pouca de Aguiar), Molião (Lagos), Portalegre, Retorta, Rouca (Alandroal) e Tróia de Setúbal.

As marcas já identificadas correspondem a algumas dezenas de olarias diferentes, na sua grande maioria da região rutená, na Gália do Sul. Um pequeno número pertence a centros produtores itálicos; mas, como a sua identificação é mais difícil por estarem pouco estudadas (em relação às oficinas provinciais) as manufacturas dessa região do Império, a notícia mais desenvolvida será dada só no que respeita às fábricas gálicas.

Posto isto, entremos pròpriamente no assunto.

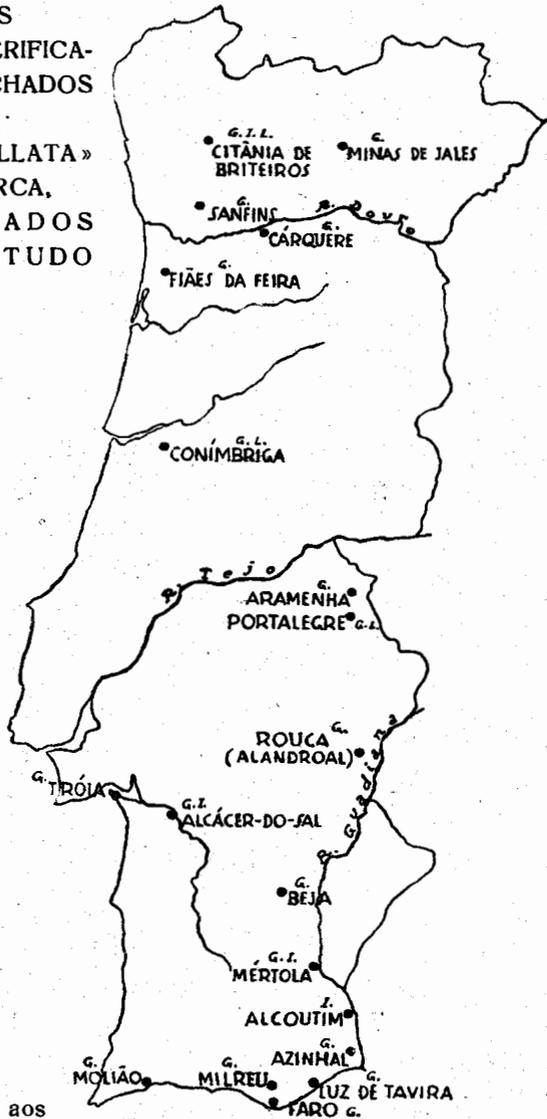
As marcas serão classificadas em relação aos produtores que representam, por ordem alfabética, indicando-se o local em que estaria localizada a oficina, o período em que ela produziu, os lugares do nosso País em que apareceram as marcas, (citando, quando tenhamos elementos para o fazer, outros lugares do Império) (1), formas de vasos fabricados pelos respectivos produtores e quaisquer outras informações que possam revestir-se de algum interesse.

(1) As informações sobre as marcas de oficina recolhidas em Espanha foram obtidas no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, no *Index of Potters' Stamps*, de Oswald, e ainda nas seguintes publicações:

Manuel Cazorro, «Los vasos aretinos y sus imitaciones galo-romanas en Ampurias», in *Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans*, Barcelona, 1909; Vicente Boix, *Memorias de Sagunto*, Valencia, 1865; Aureliano Ibarra y Manzoni, *Illici, su situación y antigüedades*, Alicante, 1879; Paris et Bonsor, *Fouilles de Bello (Bolonia, Province de Cadix)*, 1926; Alice Wilson Frothingham, *Sigillate Pottery of the Roman Empire*, New York, 1937; Fidel Fuidio Rodriguez, *Carpetania Romana*, Madrid, 1934; *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, 1945, pág. 158-164; Manuel Esteve Guerrero, «Contribución al conocimiento de Asta Regia» in *Atlantis*, T. XVI, 1941, pág. 400; *Memorias de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades*, números 22 (1919), 63 (1924), 98 (1929) e 116 (1932).

ESTAMPA I

LOCAIS
ONDE SE VERIFICA-
RAM OS ACHADOS
DE
«TERRA SIGILLATA»
COM MARCA,
MENCIONADOS
NESTE ESTUDO



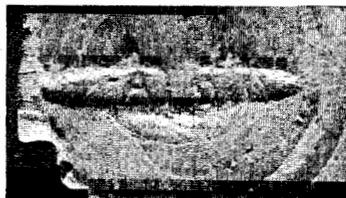
LEGENDA :

As letras junto aos
nomes das localida-
des indicam a procedência dos respectivos exemplares, de ofi-
cinas (L.) *ítálicas*, (G.) *gálicas*, (L.) *lusitanas*.

ESTAMPA II



1



2



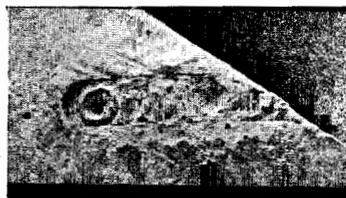
3



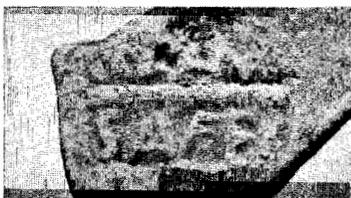
4



5



6



7



8

MARCAS DE OLEIROS EM FRAGMENTOS DE «TERRA SIGILLATA», NO MUSEU DE MARTINS SARMENTO (GUIMARÃES)

1 - APER, 2 - ALBINVS, 3 - COMMVNIS, 4 - IVCVNDVS,
5 - LVPVS, 6 - MOMMO, 7 - SAVFEIVS, 8 - SILVIVS

(Duplo do tam. nat.)

ESTAMPA III



1



2



3



4



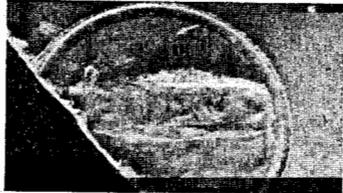
5



6



7



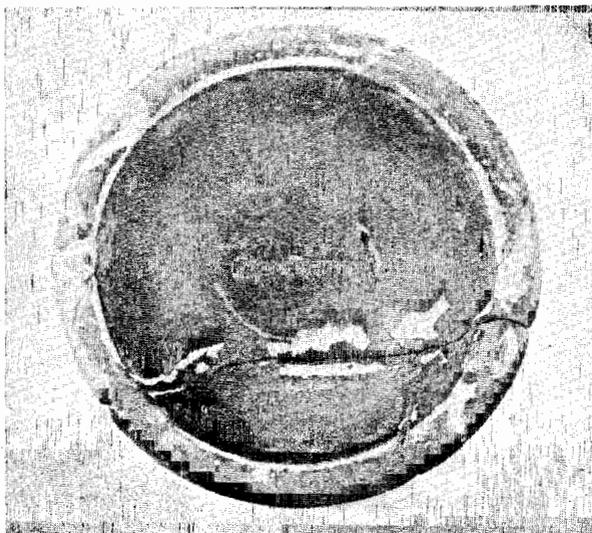
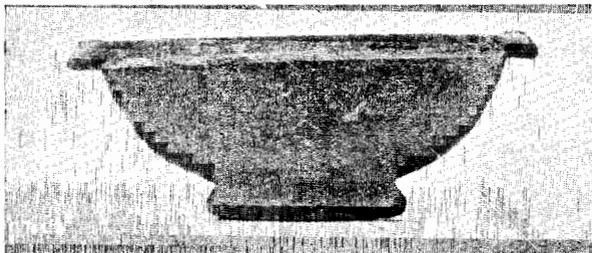
8

MARCAS DE OLEIROS EM FRAGMENTOS DE «TERRA SIGILLATA», NO MUSEU DE MARTINS SARMENTO (GUIMARÃES)

1-AVLLVS, 2-BIO, 3-CRESTVS, 4-CRISPINVS,
5-RASINVS, 6-SABINVS, 7-SEVERVS, 8-TETIRVS

(Duplo do tam. nat.)

ESTAMPA IV



1



2

VASO DE «TERRA SIGILLATA», COM A MARCA
OF·SEGITRIT Φ , ACHADO EM PORTALEGRE,
PROCEDENTE DE OLARIA LUSITANA
(MUSEU DE MARTINS SARMENTO — GUIMARÃES)

1 — *Dois terços do tam. nat.*
2 — *Tripto do tam. nat.*

Olarias representadas em Portugal

- 1) AFER (1), La Graufesenque, Cláudio-Vespasiano (1).

Citânia de Briteiros: AFR/... O (seg. Hübner)
 OFA... (» »)
 OF·AFRI (» »)
 OFAFRI (» M. Cardozo)

O seu nome aparece também em Londres (Museu de Guildhall).

- 2) ALBINVS (1), La Graufesenque, Tibério-Vespasiano (2).

Citânia de Briteiros: OFALBIN (seg. Serpa Pinto)
 Conímbriga: OFALBI (obs. pessoal)

Em Espanha: Ampúrias, Tarragona, Sagunto, «Lucentum» (Tosal de Manises), «Bello» (Bolonía, Cádiz).

Fora da Península Ibérica o seu nome encontra-se, por exemplo, em Xanten, Bregenz, Orléans e Strasburgo.

As suas marcas aparecem em vasos das formas Ritterling 12, e Drag. 29 (decorados), 24/25 e 33.

- 3) ANCVS ou ANGIVS, Gália do Sul, época dos Flávios (3).

Conímbriga: OFANCI (obs. pessoal)

Em Espanha: «Lucentum».

(1) C. I. L., II, *Supl.* 6257,8; 6257,6a; Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 19-20, n.º 1 e 2; Mário Cardozo, «Excavações na Citânia de Briteiros», in *Rev. de Guimarães*, LIII, n.º 3-4, 1943, pág. 248; Felix Oswald, *Index of Potters' Stamps on Terra Sigillata*, pág. 7.

Como constantemente teremos de fazer referência às duas obras clássicas de Oswald — a que citámos acima e a que escreveu de colaboração com Pryce: *An Introduction to the study of terra sigillata treated from a chronological standpoint* — para evitar repetições desnecessárias, citá-las-emos, respectivamente: *Index e Introduction*.

(2) S. Pinto, *ob. cit.*, pág. 20, n.º 3; *Index*, pág. 10; *Introduction*, págs. 68, 72, 78, 171-2, 191, 211.

(3) *Index*, pág. 16-17.

4) SEXTVS ANNIVS, Arezzo (1).

Alcácer do Sal: SEX/ANNI (seg. Leite de Vasconcelos).

Estampilha de tipo aretino, disposta em duas linhas e com a característica palma.

As marcas de Sextus Annus encontraram-se, também, em Ampúrias e nas ruínas de «Lucentum». Fora da Península conhecem-se, por exemplo, em Silchester e em Haltern, forte construído por Druso, cuja ocupação se verificou entre os anos 11 a. C. e 16 d. C. (em vasos do chamado tipo I de Loeschcke).

5) ANNIVS, La Graufesenque, Tibério-Nero (2).

Citânia de Briteiros: OFANI (seg. Serpa Pinto). Em Espanha encontra-se em Tarragona e, talvez, em «Bello». Fora da Península: Mainz, Limoges, Bordeus e Colónia.

6) TITVS IVLIVS APIAS, Gália do sul, século I (3).

Alcácer do Sal: OF·TI·IV·PA (seg. Oswald), num fragmento.

Fora da Península as suas marcas aparecem, por exemplo, em Narbonne, Orange e Londres.

7) ATER, Gália do Sul, Cláudio-Nero (4).

Citânia de Briteiros: ATER (seg. Oswald), em Ritt. 5.

Em Espanha as suas marcas encontraram-se em Tarragona (Drag. 27), Ampúrias e Itálica.

Oswald refere uma estampilha de Ater, da Gália Central, em Drag. 40.

(1) *O Arch. Port.*, I, 85 e IV, 107; *Introduction*, pág. 5-6; Siegfried Loeschcke, «Keramische Funde in Haltern», in *Mitteilungen der Altertumskommission für Westfalen*, V, Munster, 1909, pág. 167 e seg., taf. XXVI, 10.

(2) Serpa Pinto, *ob. cit.*; pág. 21; *Index*, pág. 17.

(3) *O Arch. Port.*, XIX, 302; *Index*, pág. 350.

(4) *Index*, pág. 353; *Introduction*, pág. 186.

8) AVCTVS, La Graufesenque, talvez de época dos Flávios (1).

Citânia de Briteiros: AVC... (seg. Hübner)
Em Espanha: Tarragona. Fora da Península:
em Hospitalet (Aveyron), Genève, St. Jean (Tarn)
e Mainz.

9) AVLLVS, de La Graufesenque, século I (2).

Conimbriga: -AVLLVS (obs. pessoal), num fragmento.

Citânia de Briteiros: AVLLV... (seg. Mário Cardozo).

Esta marca de Briteiros fora publicada, nesta mesma Revista, em 1943, como do oleiro AVLIVS, de Rheinzabern, da época dos Antoninos; mas, após a identificação da estampilha de Conimbriga, escrevemos ao nosso querido Amigo Coronel Mário Cardozo, perguntando se não se trataria de uma marca de AVLLVS, em que a haste horizontal do segundo L estivesse já um pouco safada. A leitura das marcas em «terra sigillata» torna-se, por vezes, extraordinariamente difícil, pois raras são as que se apresentam de modo a serem lidas sem qualquer hesitação.

Como, até à data, não se conhecia qualquer marca de AVLLVS, a confusão era fácil. Mas, já porque não oferece qualquer dúvida a leitura da estampilha do Museu Machado de Castro, já porque as estampilhas das olarias de Rheinzabern não costumam encontrar-se nesta região do Império, o Sr. Coronel Mário Cardozo fez segunda leitura da estampilha da Citânia de Briteiros, verificando que, efectivamente, a perna horizontal do segundo L está menos bem marcada que a do primeiro, e rectifica a interpretação que deu em 1943. Na Península aparece em Ampúrias.

10) BIO, La Graufesenque, Tibério-Nero (3).

Citânia de Briteiros: BIO O|||C (seg. M. Cardozo)
Na Península: Ampúrias (algumas em «planta

(1) *C. I. L.*, II Supl. 6257, 26; *Hermes*, XV, 1880, pág. 31; *Index*, pág. 354; Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 21, n.º 5.

(2) Mário Cardozo, *Revista de Guimarães*, LIII, n.º 3-4, 1943, pág. 248; *Index*, pág. 35.

(3) *Rev. de Guimarães*, LIII, n.º 3-4, 1943, pág. 248; *Index*, pág. 43 e 359; *Introduction*, pág. 50, 79, 172, 185 e 219.

pedis»), e Tarragona. Fora da Península encontram-se marcas suas em Sels, Hofheim, Aislingen, Mains, Vechten, Pompeia, Londres e em La Graufesenque, num molde Drag. 29. Aparecem, também, em vasos de uma «sigillata» que imita o mármore («marbled sigillata»), de verniz amarelado com veios vermelhos. Fabricou vasos das formas Ritt. 8, e Drag. 24/25, 27 e 29.

11) BOLLVS, La Graufesenque, Cláudio-Vespasiano (1).

Conímbriga: BOLL... (Obs. pessoal), num fragmento.

Em Espanha: Ampúrias e «Lucentum». Fora da Península, as suas marcas aparecem em Pompeia, Trèves e Hofheim, por exemplo, em vasos da forma Drag. 15/17; e em «marbled sigillata», em Trèves (Drag. 16 e 15/17).

12) CANVS, La Graufesenque, Tibério-Cláudio (2).

Alcácer do Sal: OFICANI (seg. Leite de Vasconcelos).

Em Espanha: Ampúrias, Tarragona e «Lucentum». Oswald e Pryce não se referem a este oleiro.

13) CASTVS, La Graufesenque, Cláudio-Vespasiano (3).

Fiães da Feira: OFCAST (seg. Oswald)

Molião : CASTVSF (» »)

Em Espanha: Ampúrias, Tarragona, Sagunto, «Lucentum», «Bello». Fora da Península em Cherchel (África), Londres, Faversham, Cagliari e Bordighera («marbled sigillata»). Formas que fabricou: Ritt 8; Drag. 15/17, 24/25 e 29 (decorado).

(1) *Index*, pág. 46; *Introduction*, pág. 44, 176-7, 219-220.

(2) *O Arch. Port.*, XIX, 303,3; *Index*, pág. 363 e 365.

(3) *Index*, pág. 368; *C. I. L. II, Supl.*, 6257,40; *Introduction*, págs. 79, 172, 177, 185 e 219-20.

14) CATVS, de La Graufesenque, Cláudio-Nero (1).

Talvez esteja representado por uma marca de Conimbriga: CATII (ob. pessoal; num fragmento). Em Espanha: Ampúrias. Oswald-Pryce citam uma marca de St. Germain, num vaso Drag. 29.

15) CELER, de Montans, Cláudio-Nero (2).

Quinta das Antas, Luz de Tavira («Balsa»): CELER (seg. J. Carvalhaes). Em Espanha: Ampúrias e Tarragona. As suas marcas aparecem noutros pontos do Império, como Sels, Hofheim e Arles; e, em vasos das formas Ritt. 5 e Drag. 27 e 29. Também fabricou «marbled sigillata».

16) CHRESTVS, Gália do Sul, época dos Flávios (3).

Milreu: CHRESTI (seg. Hübner). Em África: Cherchel e Cartago. Não temos notícia de outra marca na Península, nem se menciona na obra de Oswald-Pryce.

17) PVBLIVS CORNELIVS, de Arezzo, época de Augusto (4).

Alcoutim (Montinho das Larangeiras): P-COR (seg. Hübner). Em Espanha encontraram-se marcas do mesmo oleiro nas seguintes localidades: Ampúrias, Tarragona, Sagunto, Monteagudo, Palência e Itálica.

(1) *Index*, pág. 67; *Introduction*, pág. 79.

(2) *O Arch. Port.*, XVI, 118; *Index*, pág. 70; *Introduction*, págs. 16, 50, 80 e 188.

(3) *C. I. L.*, II, *Supl.*, 6257, 57; *Index*, pág. 372 (di-la de «Milven»).

(4) *C. I. L.*, II, *Supl.*, 6257, 50; Vazquez de Parga, «Dos Copas Aretinas de las oficinas de Publius Cornelius», in *Archivo Español de Arqueología*, 1942, n.º 47, pág. 153; Alice Wilson Frothingham, *Sigillate Pottery of the Roman Empire*, New York, 1937, pág. 10; *O Archeologo Port.*, IV, 109; I, 85; XIX, 302; Loeschcke, *ob. cit.*, n.º 128.

A sua oficina estava perto de Arezzo, em Cincelli, e a cabeça de Augusto, que figura num vaso feito pelo seu escravo Rodo, dá-nos um precioso elemento para a determinação da época em que teria produzido. A sua marca aparece também em Haltern, forte construído por Druso, como já dissemos acima, utilizado entre os anos 11 a. C. e 16 d. C., e onde se encontrou apenas sigillata itálica da época de Augusto.

Em Alcácer do Sal encontraram-se mais duas marcas, que talvez sejam deste mesmo oleiro. Uma delas está disposta em duas linhas, distinguindo-se na primeira CORNE, e na segunda um M, como letra final; a outra marca figura no bojo de uma taça decorada — CORNEL PRIMVS, e será possivelmente obra de um escravo (Primus) de Cornelius. Embora ainda não tenhamos podido observar directamente este vaso, e a única fotografia que dele conhecemos seja má, cremos que se trata de uma magnífica peça, que merece estudo monográfico. Um dos motivos decorativos que nela figuram é a grinalda, frequente nas produções itálicas e característica das obras de Cornelius. Foi encontrada esta taça no Rocio dos Frades, e havia sido utilizada como urna cinerária, contendo ainda cinzas e fragmentos de ossos. No Museu Etnológico, de Belém, conserva-se uma estampilha que deve pertencer ao mesmo oleiro, e em que o seu nome aparece associado ao de FELIX, possivelmente um dos seus escravos. A marca é de forma rectangular, de tipo aretino, e com a inscrição disposta em duas linhas, separadas por um ornato em forma de trança. Provém de Mértola. Não sabemos se já terá sido publicada. FELIX

PCORNE (As letras RNE formam nexos).

18) COMMVNIS C·SENTI, oleiro itálico (1).

Na Citânia de Briteiros apareceu uma estampilha de tipo aretino, com inscrição em duas linhas: COMMVI/C·SENTI (seg. Serpa Pinto). Hübner lia Commun(is) C. Senti; Martins Sarmiento interpretava Comnui C. Senti (?). Os dois MM formam nexos.

Cazurro cita duas marcas de Ampúrias em que se lê: HLOTI/C·SEN e SENTI, considerando a

(1) Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 21, n.º 6; C. I. L., 11, *Supl.*, 6257, 47; *Rev. de Guimarães*, XXI, pág. 55; S. Loeschcke, *ob. cit.*, n.º 195 a 206.

primeira como de Arezzo, e a segunda como indeterminada.

Na já citada estação arqueológica de Haltern, que só deu sigillata itálica, encontramos as marcas C-SENTI e SENTI, em vasos dos tipos I, II e 8, de Loeschcke.

19) CRESTIO ou CRESTVS (1), La Graufesenque, Cláudio-Vespasiano (1).

Azinhal: OFCRE (seg. Hübner)

Citânia de Briteiros: OFCRE...? (seg. S. Pinto)

... TIO (?) (» »)

Outra marca no fundo de um prato (seg. M. Cardozo)

Fiães da Feira: marca de Crestio ou Crestus (seg. S. Pinto)

Torre d'Ares (« Balsa »): OFCRES· (retro) (seg. Hübner).

Em Espanha: Ampúrias, Tarragona, Sagunto, «Lucentum», talvez em Elche, Museu de Mérida (Obs. pessoal), «Bello», Villaverde, Casarón (Granada).

Fora da Península, as suas marcas aparecem em muitos outros pontos, como Londres, Chester, Colchester, Silchester, Carlisle, Corbridge, Wroxeter, Sels, Novaesium, Wiesbaden, Hofheim, Rottweil, Mainz, Estrasburgo e Génova.

Fabricou vasos das formas Ritt. 8 e Drag. 5, 15/17, 18, 24/25, 27, 29, 33 e 37.

20) CRISPINVS, de Montans, Cláudio-Nero (2).

Citânia de Briteiros: CRIS/PINI (seg. Serpa Pinto).

Oswald classifica-a, com outra de Tarragona, como de Montans. Serpa Pinto considerava-a do tipo aretino, tanto mais que apresentava uma pequena palma e uma coroa.

O nome de Crispinus aparece, em Espanha, em Ampúrias, Tarragona, «Lucentum», Monteagudo,

(1) *C. I. L.*, II, *Supl.*, 6257,54; Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 21-2, n.º 2; *Rev. de Guimarães*, LIX, n.º 3-4, 1949, pág. 413; *C. I. L.*, II, *Supl.*, 6257,55; *Index*, pág. 378; *Introduction*, páginas 52, 73, 80, 167, 177, 185, 188 e 192.

(2) Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 22, n.º 8; *C. I. L.*, II, *Supl.*, 6257,46 (mal lida) e 6257,61; *Index*, pág. 379; Loeschcke, *ob. cit.*, tafel XXVIII, n.º 129, 130 e 132.

Museu de Sevilha (obs. pessoal) e «Bello». Note-se que o encontramos, igualmente, entre as marcas recolhidas em Haltern. (Tipo II).

21) EROS, oleiro itálico (?) (1).

Alcácer do Sal: ERM/EROS (seg. Leite de Vasconcelos).

Em Espanha: Ampúrias (ER/OS) (EROS), e Tarragona.

Oswald cita um EROS, sem localizar nem datar, referindo apenas quatro lugares que teriam dado marcas suas: Vechten (Ritt. 5), Mainz, York (Drag. 27) e Tarragona.

22) P. ERRIMVS, Gália do Sul, século I (2).

Molião: ERRIMI (seg. Formosinho)

Em Espanha: Ampúrias. Fora da Península aparece o seu nome em Londres (uma das marcas no Museu Britânico), Soissons, Vichy, Vechten e Estrasburgo. Fabricou, pelo menos, vasos da forma Drag. 27.

23) FELIX, de Montans e La Graufesenque, Cláudio-Vespasiano (3).

Conímbriga: OFFEL·CI (obs. pessoal), num fragmento.

Oswald regista FELICIANVS, FELICIO e FELIX, mas só deste é que aparecem as formas FELICI e OFF·ELICI, com exemplares na Península. Em Espanha: Ampúrias, talvez em Tarragona, Elche, «Lucentum», «Bello» e Mérida. Fora da Península o seu nome aparece em Londres, Silchester, Colchester, Margidunum, Vichy, St. Germain, Sels, Hofheim e Xanten. Fabricou vasos das formas Ritt. 8; e Drag. 29, 37, 17, 15/17, 24/25, 27, 31 e 33.

(1) *O Arch. Port.*, XIX, 303,6; *Index*, pág. 116.

(2) Esta marca, que cremos inédita, foi-nos comunicada, em carta, pelo nosso querido amigo e director do Museu de Lagos, Dr. José Formosinho, em resposta a uma consulta feita. *Index*, pág. 116 e 384.

(3) *Index*, pág. 120; *Introduction*, págs. 16, 47, 52, 71, 74, 80, 113, 172, 177, 187-8.

24) FRONTINVS, La Graufesenque, Nero-Trajano (1).

Portalegre: marca em que parece ler-se o nome de Frontinus (seg. Serpa Pinto). Num vaso da forma Drag. 33.

Em Espanha: Ampúrias (Drag. 27) e Tarragona. Fora da Península o seu nome aparece ainda, por exemplo, em Londres, Carlisle, Corbridge, Newstead, Aislingen, Rottweil, Heddernheim, Cannstatt e Bregenz, em vasos Drag. 27, 33, 18, 31, 29 e, talvez, 37.

25) FVSCVS, de La Graufesenque, Nero-Trajano (2).

Molião: FVSCI (seg. Formosinho)

Em Espanha: Ampúrias (Ritt. 8), Tarragona e «Bello». Fora da Península o seu nome aparece-nos, por exemplo, em Londres, Amiens, Nîmes, Vechten, Mainz, Bonn e Trèves, em vasos das formas Ritt. 9 e Drag. 18, 27 e 29.

26) GALLVS, de La Graufesenque, Nero-Vespasiano (3).

Talvez esteja representado em Portugal por uma marca da Citânia de Briteiros, que Hübner transcrevia OII GALIO, e que Serpa Pinto dava como desaparecida. Segundo a transcrição de Hübner, parecia que a letra que se seguia ao G seria um A aberto. Ora, entre as marcas de Gallus que Oswald transcreve, encontramos GALLIO (Paris, Trion) e, por isso, como mera hipótese, perguntamos se a marca de Briteiros não seria, também, de Gallvs, que, de resto, exportou para a Península, como demonstram as marcas encontradas em Tarragona (GALLI-MAN e GALLIM).

(1) Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 26, n.º 1; *Index; Introduction*, pág. 58.

(2) Marca comunicada por carta, com a de Errimus e que cremos, igualmente, inédita. *Index*, pág. 128; *Introduction*, pág. 81.

(3) *C. I. L., II, Supl.*, 6257,85; Serpa Pinto, *ob. cit.* pág. 25, n.º 18; *Index*, pág. 130.

27) IVCVNDVS, de La Graufesenque, Cláudio-Flávios (1).

Citânia de Biteiros: IVCVN (seg. Serpa Pinto)
Idem: OFIVCVN (seg. Serpa Pinto)

Na Península: Ampúrias, Tarragona, Sagunto, «Lucentum», «Bello» e Castro de Coaña (Astúrias). O nome deste oleiro aparece ainda em muitos outros pontos do Império romano, como Cherchel (África), Roma, Vichy, Sels, Novaesium, Hofheim, Londres, Colchester, Silchester, Mainz, etc. Fabricou vasos das formas Drag. 27, 18, 18/31, 31, 29, 37 e 15/17. A época de maior actividade da sua oficina corresponde aos primeiros tempos da época dos Flávios. Não deve confundir-se com outro oleiro do mesmo nome que, mais tarde, trabalhou em Rheinzabern.

28) CAIVS IVLIVS, de La Graufesenque e Banassac, Cláudio-Flávios (2).

Tróia de Setúbal: IVLI (seg. Arronches Junqueiro), num fragm.

Em Espanha: Ampúrias, Tarragona e Museu de Sevilha (obs. pessoal). Fora da Península: em Londres, no Museu Britânico (Drag. 29) e Newstead (Drag. 15/17).

Não confundir este oleiro com outro, do mesmo nome, que trabalhou em Rheinzabern, da época dos Antoninos aos começos do século III, e cujos produtos não aparecem na Península.

29) IVLLVS, de Montans, época dos Flávios, (3).

Está representado por um vaso da forma Drag. 29, com decoração fitomórfica, encontrado nas Minas de Jales, Campo (Vila Pouca de Aguiar), e identificado por C. F. C. Hawkes, do Museu Britânico.

(1) Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 22, n.º 9; *Index*, pág. 148; *Introduction*, pág. 53.

(2) *O Arch. Port.*, VII, 178; *Index*, pág. 393; *Introduction*, pág. 81 e 178.

(3) *Revista de Arqueologia*, III, pág. 201 e seg.; *Introduction*, pág. 82 e 116.

Fora da Península o seu nome aparece em vasos da mesma forma, e Drag. 37 (também decorados) em Lectoure, Neuss, Alteburg e Colchester.

30) LASCVS, de La Graufesenque, século I (1).

Retorta: PLASCI... (seg. Oswald)
Não conhecemos outra marca na Península.

31) LICINVS ou LICINIANVS, La Graufesenque, Cláudio-Nero (2).

Conímbriga (num fragmento):—ICIN (obs. pessoal). Em Espanha: Ampúrias, Museu de Sevilha (obs. pessoal) e «Bello». Fora da Península conhecem-se outras marcas: Sels, Hofheim, Mainz, Neuss, Londres, Silchester, etc. Fabricou vasos das formas Drag. 24/25, 27, 18, 29 e 33.

32) LVCCEIVS, La Graufesenque, época dos Flávios (3).

Conímbriga (num fragmento): F-LVCCEI (obs. pessoal). Idem: LVC... (obs. pessoal). Em Espanha: Ampúrias, Tarragona, «Lucentum», Elche, «Bello», Itálica. Fora da Península: em Mainz, Vechten (Drag. 29) e Londres, no Guildhall Museum (Drag. 15/17).

33) LVPVS (1), La Graufesenque, Cláudio-Vespasiano (4).

Citânia de Briteiros: LVPVS (seg. Serpa Pinto) Em Espanha: Tarragona. Fora da Península: Londres, Mainz, Poitiers, Troyes, Vechten e Vichy.

(1) *Index*, pág. 395; *C. I. L.*, II Supl., 6257,145.

(2) *Index*, pág. 163; *Introduction*, págs. 51, 82, 172, 188 e 191.

(3) *Index*, pág. 168-170; *Introduction*, págs. 82, 178.

(4) Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 23, n.º 10; *Index*, pág. 398.

34) MANDVILVS, La Graufesenque, Cláudio-Vespasiano (1).

Conímbriga: MANDVILIA (seg. Verg. Pinto da Fonseca).

Em Espanha: Ampúrias (Drag. 18). Fora da Península: Wiesbaden, Hofheim, Londres, Wroxeter e Pompeia, em vasos das formas Drag. 18, 18/31, 27, 33 e 29.

35) MARCVS (I), La Graufesenque, época dos Flávios (2).

Citânia de Briteiros: OF·MAR· (seg. Serpa Pinto) Em Espanha: Ampúrias e Tarragona. Fora da Península: Vienne (Drag. 29), Silchester e Colchester (Walters 79 e 80).

Este oleiro não deve ser confundido com outros do mesmo nome que trabalharam em Lezoux, Rheinzabern e Trèves, de que não se encontram marcas na Península.

36) MARTIALIS (I), La Graufesenque, Flávios-Trajano (3).

Conímbriga (num fragmento): MARTI/... (obser. pessoal). Marca incompleta com as três primeiras letras ligadas. A última, um A, está cortada pelo meio, distinguindo-se apenas a primeira das hastas oblíquas.

Em Espanha conhecem-se marcas suas em Ampúrias. Fora da Península aparece, por exemplo, em Mainz, Londres, Wiesbaden, etc., em vasos Drag. 15/17 e 29.

(1) *O Arch. Port.*, XIV, 260; *Index*, pág. 182 e 401; *Introduction*, págs. 55, 82.

(2) Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 23, n.º 11; *C. I. L.*, II, *Supl.*, 4970, 296; *Index*, pág. 186 e 402; *Introduction*, páginas 82 e 199.

(3) *Introduction*, pág. 82 e 178.

- 37) MICCIO (1), da Gália do Sul, talvez da época dos Flávios (1).

Rouca (Alandroal): EXOFMICC (Museu Etnológico), OFMCCIO (idem). Aramenha: OFMICC (Museu Etnol.).

Talvez seja deste mesmo oleiro uma estampilha de Torre d'Ares («Balsa»), que Hübner transcrevia MICIN, com reservas quanto à última letra. É possível, pois, que não esteja correctamente lida e que se trate de uma estampilha daquele oleiro, cujos produtos aparecem na Península, em Urso (Málaga), Jaén, Alora (OFMICCIONIS) e Tarragona (OFMIC).

- 38) MOMMO, La Graufesenque, Cláudio-Vespasiano (2).

Citânia de Briteiros: OFMOM (seg. Serpa Pinto)
Citânia de Sanfins: MOM («Jalhay»)
Conímbriga (num fragmento: OFMO... (obs. pessoal).

Em Espanha: Ampúrias (Ritt. 8), Tarragona (Ritt. 5). «Lucentum» e «Bello». Fora da Península: Sels, Novaesium, Hofheim, Londres, Colchester, Pompeia, Orange, Perouse, Vindonissa, etc. Fabricou vasos das formas Ritt., 1, 5, 8 e 9. e Drag. 24/25, 27, 33, 16, 15/17, 18, 29, 30 e 37. Embora o «Index» de Oswald registe muitos oleiros cujos nomes começam por Mo (Modestus, Monianus, Monius, Montanus, Monticus, Moricus, Morinus, Moseus, Moxius, Mottius, Mottucus, Motus e Moxillus), classificamos o fragmento de Conímbriga como de Mommo por dele se conhecerem mais marcas em Portugal, o que já não acontece com os outros.

- 39) MVRRANVS, La Graufesenque, Cláudio-Vespasiano (3).

Faro: OFMRRAN (seg. Leite de Vasconcelos)
Luz de Tavira («Balsa»): OMVRRRA (M e V em nexu) — Museu Etnol.

(1) *C. I. L., II, Supl.*, 6257,120; *Index*, pág. 204.

(2) Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 23, n.º 12; Eugénio Jalhay, *ob. cit.*; *Index*, págs. 208-9 e 407; *Introduction*, págs. 53, 83, 95, 119, 171, 172, 178, 181, 188 e 191.

(3) *O Arch. Port.*, VIII, 172 (cf. XVIII, 147); *Index*, pág. 213; *Introduction*, pág. 53; cf. *C. I. L., II*, 4970,335.

Conimbriga : FMVRRAN (idem) —
Museu Etnológico.

Em Espanha: Ampúrias, Solsona, Sagunto, «Lucentum», Archena, Cádiz, e «Bello». Fora da Península encontram-se as suas marcas em Sels, Novaesium, Hofheim, Londres, Silchester, Corbridge, etc. Fabricou vasos das formas Ritt 8, e Drag. 27, 16, 15/17, 18, 29 e 33. Os produtos deste oleiro são, na sua maioria, pré-Flávios.

40) PATER, de La Graufesenque, Cláudio-Vespasiano ⁽¹⁾.

Cárquere: OF-PAT (seg. Oswald), num fragmento.
Em Espanha: Ampúrias e Tarragona.

41) PATERNVS, da Gália do Sul, Nero-Vespasiano ⁽²⁾.

Talvez esteja representado por uma marca, incompleta, de Conimbriga, em que parece ler-se ..ATERNO. Tanto pode ser a terminação de PATERNO, como de MATERNO, de Maternus, de Lezoux, Domiciano-Antonino. Mas, como as marcas das oficinas sud-gálicas se encontram largamente representadas em Portugal, atribuímos esta à oficina de Paterno, embora com as reservas naturais.

Tanto esta marca, como as já citadas de ALBINVS (1), ANCVS, AVLLVS, BOLLVS, CATVS, FELIX, LICINVS, LVCCEIVS, MARTIALIS (1) e MOMMO foram lidas e identificadas por nós, depois de uma visita demorada ao Museu Machado de Castro, de Coimbra, e com o amável e valioso auxílio do ilustre arqueólogo Coronel Mário Cardozo, que nos enviou todos os esclarecimentos pedidos, por não dispormos do «Index» de Oswald. O mesmo aconteceu com outras marcas de Conimbriga, que, como estas, julgamos inéditas e citaremos na devida altura. É possível que uma das marcas de «Lucentum» e outra de «Bello» sejam de esta oficina.

(1) *Index*, pág. 229. Cf. *O Arch. Port.*, V, 212.

(2) *Index*, pág. 194 e 231.

42) PONTVS ou PONTIVS, La Graufesenque, Vespasiano-Trajano (1).

Serpa Pinto, no seu magnífico trabalho a que tantas referências temos feito, falava de uma marca, de procedência desconhecida, talvez do norte do País, e que lia POO, tendo o O um ponto central. Dizia que Dragendorff considerava o ponto central como característico das oficinas gaulezas.

Ora, quando em tempos tivemos possibilidades de trabalhar com o «Index», deparámos com marcas de Pontus que oferecem alguma semelhança com a referida por Serpa Pinto. Assim, vemos em Trèves OPO (Drag. 27), em Mainz OPO (Drag. 27), em Carlisle OFPO.

Como as estampilhas daquele oleiro aparecem na Península, em Ampúrias e Tarragona, talvez esta seja do mesmo, embora com uma forma diferente, sendo o segundo O a abreviatura de O(ficina). Aqui deixamos a hipótese.

43) PRIMVS & SCOTTIVS, La Graufesenque, Cláudio-Nero (2).

Monte Molião: PRIMISCO (seg. Oswald)

Em Espanha: Ampúrias, Tarragona, «ex regno Valentino», talvez em Sagunto e talvez em Asta Régia (Mesas de Asta). Fora da Península, em Neuss, num vaso Drag. 15/17.

44) RASINVS, Gália do Sul, séc. I (Cláudio) (3).

Citânia de Briteiros: RASIN (as 2 últimas letras ligadas)

O nome de Rasinus aparece, ainda, em Alcácer do Sal, mas associado ao de Celer: CELER/RASIN numa estampilha do tipo itálico (Dressel 59).

(1) Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 27; *Index*, pág. 243.

(2) *Index*, pág. 251; *C. I. L.*, II, *Supl.*, 6257,155; *Introduction*, pág. 179.

(3) Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 23-4, n.º 13; *Index*, págs. 258 e 415; *C. I. L.*, II, *Supl.*, 6257,39; *O Arch. Port.*, IV, 108; Frothingham, *ob. cit.*, pág. XXV, 7-8. Cf. *C. I. L.*, II, *Supl.*, 4970,421 h. (A do n.º 6257,39 está mal interpretada).

Não nos deve admirar esta diferença de épocas, pois houve uma verdadeira dinastia de oleiros com aquele nome, desde a época de Augusto à dos Flávios, fabricando vasos de tipo itálico e, depois, de tipo provincial. O nome de Rasinus, isolado, aparece-nos, em Espanha, em Ampúrias (sendo uma das marcas em vaso da forma Ritt. 5), em Tarragona, «Lucentum» e Elche; associados a outros (de escravos) encontramos-lo em Ampúrias, Tarragona, Sagunto, «Lucentum», Elche, Museu de Sevilha (obs. pessoal), Itálica. Note-se que, em Haltern, também o encontramos, quer isolado, quer associado.

45) SABINVS, de La Graufesenque e Montans, Nero-Domiciano (1).

Citânia de Briteiros: SABINIO (seg. Serpa Pinto) Conímbriga (grafito): SABINI (seg. Tavares Proença). Conímbriga (fragm.): OFSABI, em Drag. 24/25 (obs. pessoal). Inédita.

Em Espanha: Ampúrias, Tarragona, «Lucentum», Sagunto e «Bello». Fora da Península as suas marcas aparecem em muitos lugares como Aislingen, Londres, Hartlip, Mainz, Bregenz, Pompeia, etc. Fabricou vasos das seguintes formas: Ritt. 8 e Drag. 24/25, 27, 33, 15/17, 18, 18/31, 31, 29, 37, 42 e 30. Não deve confundir-se este oleiro com outros do mesmo nome, que trabalharam, respectivamente, em Lezoux e Rheinzabern, mas de que não se conhecem exemplares na Península.

46) SAMIA, oficina itálica (?), (2).

Está representada por duas marcas de Alcácer do Sal: SAL/SAMI (as duas primeiras letras da seg. linha ligadas. Seg. Leite de Vasconcelos). L-TETI/SAMIA (idem, idem). Com palma vertical. Qualquer das estampilhas é de tipo aretino. O nome SAMIA aparece em Tarragona, «Bello» e em Ampúrias (a segunda marca de Alcácer é igual a algumas das recolhidas na antiga «Emporion»). Oswald cita Samia, da Gália do Sul,

(1) Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 25; *O Arch. Port.*, XV, 49; *Index*, pág. 272-3; *Introduction*, pág. 59, 85, 122 e 179.

(2) *O Arch. Port.*, IV, 108; *Index*, pág. 279.

século I, que aparece em Ampúrias (Samia) e em Trion (C. Samia), mas é preciso notar-se que nas duas marcas de Alcácer do Sal o nome não aparece isolado.

47) HILARVS SAVFEIVS, oleiro itálico (1).

Citânia de Briteiros: AVS/SAVFEI (seg. Mário Cardozo)

Ao publicá-la, o Coronel Mário Cardozo indica as outras marcas conhecidas: seis de Itália (Arezzo, Chiusi, Roma e Aquileia), três de Espanha (Ampúrias e Elche), e uma de proveniência desconhecida.

O nome de Hilarus, assim como o de Saufeius, mas isolados ou associados a outros diferentes, aparecem noutros locais.

48) SECVNDVS, de La Graufesenque, Cláudio-Vespasiano (2).

Conímbriga (num fragmento): SECVN (obs. pessoal. Inédita). Milreu: OFSEC (seg. Hübner) Em Espanha: Ampúrias, Tarragona, «Lucentum», Museu de Mérida (obs. pessoal) e «Bello». Fora da Península, menciona Oswald muitos locais, entre eles os seguintes: Sels, Hofheim, Xanten, Wiesbaden, Colónia, Londres, Colchester, Rotweil, Roma, Pompeia, Neuss, Puigouzon, Amiens, Orleans e Vindonissa. Fabricou vasos das formas Ritt. 5, 8, 9 e 12; e Drag. 24/25, 27, 33, 15/17, 18, 18/31, 29 e 37.

49) SEGITRITVS, de Portugal, talvez da época dos Flávios (3).

Conímbriga: OF·SECI·TRI (seg. S. Pinto).
Drag. 36 A.

Portalegre: OF·SEGITRITØ (seg. S. Pinto).
Drag. 35?

(1) *Revista de Guimarães*, LIII, n.º 3-4, 1943, pág. 249.

(2) *C. I. L.*, II, *Supl.*, 6257, 176; *Index*, pág. 287-8; *Introduction*, págs. 54, 85, 123, 171-2, 180, 185, 191, e 211.

(3) Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 26, n.º 3; *Index*, pág. 291.

Qualquer destas estampilhas foi identificada por Serpa Pinto, que delas dava notícia em 1929. Oswald considerava-as, nessa altura, como provenientes de uma oficina lusitana ou ibérica, ou como resultantes da associação de Secundus e Tritus. Mas em 1931, ao escrever o seu magnífico e utilíssimo «Index», opta pela primeira hipótese, dando-as como de uma oficina lusitana e talvez do período Flávio.

Ao estudarmos a série do Museu Machado de Castro, vimos que o vaso em que figurava a marca se podia classificar como da forma Drag. 36. Não conhecemos outras estampilhas com o nome deste fabricante.

50) SEMPER, da Gália do Sul, Cláudio-Nero ⁽¹⁾.

Talvez esteja representado por duas marcas incompletas, e inéditas, de Conímbriga: O-(?)·SEM (ob. pess.) EX·OF·SE... (idem).

Em Espanha conhecem-se marcas suas em Tarragona.

51) SENICIO, de La Graufesenque, Tibério-Cláudio ⁽²⁾.

Conímbriga (num fragmento): OF. SENICO (Inédita; obs. pessoal). Idem, noutro fragmento: OFSENICO (Inédita; obs. pessoal).

A primeira destas marcas figura no fundo interno de um vaso Drag. 27. Em Espanha: «Lucentum» (SENICIO). Fora da Península as suas estampilhas aparecem, por exemplo, em Sels, Hofheim, Mainz, Novaesium, Londres, Silchester, Estrasburgo, etc. Fabricou vasos das formas Drag. 24/25, 27, 15/17 e 29 (esta última data da época de Tibério).

52) SEVERVS, de La Graufesenque, Nero-Vespasiano ⁽³⁾.

Citânia de Briteiros: OFS·EV... (seg. M. Cardozo)
Em Espanha: Ampúrias, Tarragona e Elche.

(1) *Index*, pág. 291.

(2) *Index*, pág. 292; *Introduction*, págs. 51 e 85.

(3) *Revista de Guimarães*, LIII, n.º 3-4, 1943, pág. 248; *Index*, pág. 296; *Introduction*, págs. 56, 85 e 124.

Fora da Península em muitos locais, como Novaesium, Hofheim, Londres, Carlisle, Compiègne, Bavai, Stockstadt, Xanten, etc. O seu nome aparece em vasos das formas Drag. 27, 33, 18, 31, 29 e 37.

- 53) C·SILVIVS, de La Graufesenque, talvez do período Flávio (1).

Azinhal: C·SILVI (seg. Hübner)
Em Espanha: Tarragona (Ritt. 8). Esta marca do Azinhal estaria num vaso decorado (Drag. 29?).

- 54) SILVIVS, de La Graufesenque, Vespasiano-Trajano (2).

Citânia de Briteiros: OII·SILV
Idem: OII·SILVI (seg. S. Pinto)
Confmbriga (num frag.): ...ILV·OFI (Inédita; observ. pessoal).
Em Espanha: Tarragona (Ritt. 8) e Ampúrias. Oswald cita ainda Silvanus e Silvinus, tendo-se encontrado algumas marcas deste último na Península.

- 55) SVARVS, da Gália do Sul, Tibério-Cláudio (3).

Estaria representado por uma marca de Briteiros que Serpa Pinto interpretava, com reservas, SVAVIS?

Em Hübner encontra-se a transcrição OFSVA (com um traço oblíquo na extremidade da segunda haste do A). Folheando os livros de Oswald não encontramos nenhum Suavis; mas, em compensação, deparamos com SVARVS que, em Tarragona (Ritt. 5) e Vechten, deu SVAR e, em Vechten (Ritt. 5) e Trion, SVA. É possível que uma estampilha das recolhidas em «Lucentum», seja, também, deste oleiro.

(1) *C. I. L., II, Supl.*, 6258,5; *Index*, pág. 303; *Introduction*, pág. 85, em que se refere a uma marca em Drag. 29, no Guildhall Museum, de Londres.

(2) Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 24, n.º 14; *Index*, pág. 302-3.

(3) *C. I. L., II, Supl.*, 6257,187; Serpa Pinto, *ob. cit.*, pág. 24, n.º 15; *Index*, pág. 307.

56) TETIRVS, de Portugal (1).

Citânia de Briteiros: TETIRVS (seg. Oswald) em Drag. 33

Serpa Pinto lia TETIPVS/..., mas dizendo que a primeira letra estava falhada e o P era duvidoso, e que Oswald a considerava inédita. Depois disso, o ilustre investigador inglês publicou-a como de oficina lusitana, sem mencionar outro exemplar.

57) VALERIVS & PATRICIVS, da Gália do Sul, talvez do período Flávio (2).

Conímbriga (num fragmento): OFVA·PA (Inédita; obs. pessoal). Idem, noutro fragmento: OF·VAPA (Inédita; obs. pessoal).

Tróia de Setúbal: OF·VAL·PAT (seg. Hübner). Na última estampilha as letras AL e AT estão ligadas. Em Espanha: talvez em Ampúrias (Valpi), Tarragona, Museu de Mérida (obs. pessoal) e Museu de Sevilha (idem). Oswald, além da de Tróia, só cita uma de Stockstadt, num vaso Drag. 18/31.

58) C·VIBIVS, de Montans, Cláudio - Vespasiano (3).

Torre d'Ares (« Balsa »): C·VIB (seg. Hübner) Em Espanha: Tarragona e Sagunto. Oswald refere esta (sem o ponto separativo), com uma de Vindonissa.

59) VITALIS (1), de La Graufesenque, Cláudio-Domiciano (4).

Azinhal : OFVITA (seg. Hübner)
Beja? : OFVITALI (Obs. pessoal; no Museu Etnológico)

(1) *Index*, pág. 315; Serpa Pinto. *ob. cit.*, pág. 24, n.º 16. Cf. *C. I. L.*, II, *Supl.*, 6257,2 (onde foi publicada invertida).

(2) *C. I. L.*, II, 4970,573; *Index*, pág. 324.

(3) *C. I. L.*, II, *Supl.*, 6257,210; *Index*, pág. 333.

(4) *C. I. L.*, II, *Supl.*, 6257,213; *Index*, pág. 340; *Introduction*, págs. 55 e 86.

Conímbriga: VITAL (Inédita. Observ. pessoal; num fragmento)

Mértola : VITA (Museu Etnológico)

A marca de Beja apresenta as letras TAL ligadas. Em Espanha: Ampúrias, Tarragona, Sagunto, Elche, Cabeza del Griego, «Lucentum», La Serreta de Alcoy, «Bello», Museu de Córdoba (obs. pessoal) e Itálica. Fora da Península: Arles («marbled sigillata»), Pompeia, Roma, Londres, Colchester, Silchester, Leicester, York, Neuss, Sels, Hofheim, etc. Vitalis fabricou vasos das formas Drag. 24/25, 27, 33, 17, 15/17, 18, 18/31 e 29. Não deve confundir-se com outros dois oleiros do mesmo nome, que trabalharam, respectivamente, em Lezoux (Domiciano-Antonino) e Laveye, Rheinzabern e Westerndorf (época de Adriano e Antonino), mas que não dão exemplares na Península Ibérica.

*

Aqui termina este inventário de olarias representadas em Portugal, com a indicação das marcas de oficina já identificadas.

O nosso ficheiro acusa outras (em número pouco superior a quarenta), de que não damos notícia por termos algumas dúvidas quanto à sua leitura e identificação. Fá-lo-emos, porém, assim que as tivermos esclarecido.

Das 97 marcas que referimos, 61 pertencem a oficinas de La Graufesenque, 17 a centros produtores da Gália do Sul (sem localização precisa), 11 são itálicas, 5 de Montans e 3 de Portugal. Por aqui se pode ver a esmagadora maioria de marcas de oficinas rutenas (Graufesenque, Montans e Gália do Sul), em relação ao escasso número das italianas e das lusitanas.

Das oficinas da Gália oriental não conhecemos nenhuma, nem das que se localizam na Gália central (arvernas), como Lezoux, por exemplo.

Parece-nos interessante o facto de muitas das marcas que se encontraram em Portugal terem aparecido, também, numa série de estações arqueológicas de uma zona correndo ao longo da costa mediterrânica e atlântica da Península, como, por exemplo,

Ampúrias, Tarragona, Sagunto, Tosal de Manises, Elche, Itálica e Bolonia, o que nos levou a pensar que a penetração se faria por via marítima, ou pelas vias costeiras, irradiando depois para o interior, talvez por via fluvial, ou pelos caminhos ao longo dos principais rios peninsulares: Ebro, Guadalquivir, Guadiana, Sado, Tejo, Douro, etc. Note-se que é ao sul da Tejo que se encontram mais estações que forneceram «Terra Sigillata» estampilhada. Ao norte de aquele rio só se conhece uma estação arqueológica em que está representada a indústria itálica; ao passo que, para o sul, podemos contar três.

As marcas recolhidas em Portugal vão desde a época de Tibério à de Trajano (com excepção das itálicas, da época de Augusto) e, portanto, a exportação para o extremo ocidental da Península deve ter-se iniciado logo que as fábricas rutenas entraram em actividade e em concorrência com as itálicas, o que aconteceu por volta da segunda década da nossa era.

Em meados do século I já devia fazer-se em grande escala. Em Portugal são muitos os locais em que se tem verificado achados de «terra sigillata», com ou sem marca, lisa ou ornamentada, inteira ou em fragmentos. Oswald localiza duas oficinas em Portugal e, nas colecções dos nossos museus, podem ver-se exemplares de tipo hispânico, com decoração semelhante à dos vasos exumados em Abella e Solsona, que Serra Vilaró estudou.

Não insistimos, neste trabalho, na questão da definição do termo *terra sigillata*, nem nas suas características. Já o fizeram os dois investigadores ilustres a quem dedicamos este estudo.

Não abordámos, por agora, o estudo das formas e perfis dos vasos, nem o dos motivos decorativos, assim como não tratámos da chamada «terra sigillata clara», nem tão pouco da cerâmica estampada de época tardia. Depois o faremos, em devido tempo.

Elaborámos este pequeno inventário de marcas de oficina, pensando que poderia ser útil a todos os arqueólogos que lutam com dificuldades de bibliografia para resolver certos e determinados problemas.

A falta de bibliotecas especializadas e de revistas puramente arqueológicas, com larga difusão, obriga os investigadores espalhados por todo o País a trabalhar com sérias dificuldades, sendo uma delas a dispersão de notícias por diferentes publicações.

Procurámos, portanto, condensar neste esquema o que sabíamos acerca de marcas de oficina de «terra sigillata» encontradas no nosso País. Muitas delas haviam sido já publicadas nas obras que citámos. Outras parece-nos que estavam inéditas, como as de P. ERRIMVS e FVSCVS, de Monte Molião (no Museu Regional de Lagos), e as de ALBINVS, ANCVS, AVLLVS, BOLLVS, CATVS, FELIX, LICINVS, LVCCEIVS, MARTIALIS, MOMMO, PATERNO, SABINVS, SECVNDVS, SEMPER, SENICIO, SILVIVS e VITALIS, de Conímbriga (Museu Machado de Castro).

Algumas delas são de olarias de que se não conheciam exemplares em Portugal.

Resta-me agradecer ao Rev.º Padre Nogueira Gonçalves todas as facilidades concedidas para levar a cabo os meus trabalhos, no Museu Machado de Castro; ao Dr. José Formosinho, pelas informações que me enviou; e ao ilustre arqueólogo vimaranense Coronel Mário Cardozo, pelos elementos que, tão gentilmente, me forneceu e pela cedência de um cantinho nas páginas desta magnífica «*Revista de Guimarães*».

Olarias representadas em cada uma das estações citadas

Alcácer do Sal:

SEXTVS ANNIVS (*Itálico*)
 TITVS IVLIVS APIAS (*Gália do Sul*)
 CANVS (*La Graefesenque*)
 EROS (*Itálico*)
 SAMIA (»)

(Todas as estampilhas são, ou da época de Augusto, ou dos princípios do séc. I).

Alcoutim :

PVBLIVS CORNELIVS (*Itálico*)

Aramenha :

MICCIO (*Gália do Sul*)

Azinhal :

CRESTVS (*La Graufesenque*)
C. SILVIVS (*idem*)
VITALIS (*idem*)

< Balsa > (Luz de Tavira) :

CELER (*Montans*)
CRESTVS (*La Graufesenque*)
MVRRRANVS (*idem*)
MICCIO (*Gália do Sul*)
C. VIBIVS (*Gália do Sul*)

Nenhuma destas marcas se pode considerar anterior ao reinado de Cláudio, assim como nenhuma é posterior a 79.

Beja (?) :

VITALIS (*La Graufesenque*)

Cárquere :

PATER (*La Graufesenque*)

Citânia de Briteiros :

AFER (*La Graufesenque*)
ALBINVS (*idem*)
ANNIVS (*idem*)
ATER (*Gália do Sul*)
AVCTVS (*La Graufesenque*)
AVLLVS (*idem*)
BIO (*idem*)
C. SENTI (*Itálico*)
CRESTIO (*La Graufesenque*)

CRISPINVS (*Montans*)
 GALLVS (*La Graufesenque*)
 LVCVNDVS (*idem*)
 LVPVS (*idem*)
 MARCVS (*idem*)
 MOMMO (*idem*)
 RASINVS (*Gália do Sul*)
 SABINVS (*La Graufesenque e Montans*)
 SAVFEIVS (*Itálico*)
 SEVERVS (*La Graufesenque*)
 SILVIUS (*idem*)
 SVARVS (*Gália do Sul*)
 TETIRVS (*de Portugal*)

Excepção feita das marcas itálicas, há três que poderão datar-se a partir do reinado de Tibério, e a que poderia ter uma data mais baixa seria a de Sabinus (Nero-Domiciano).

Citânia de Sanfins:

MOMMO (*La Graufesenque*)

« Conímbriga »:

ALBINVS (*La Graufesenque*)
 AVLLVS (*idem*)
 BOLLVS (*idem*)
 CATVS (?) (*idem*)
 FELIX (*Montans e Graufesenque*)
 LICINVS (*La Graufesenque*)
 LVCCEIVS (*idem*)
 MANDVILVS (*idem*)
 MARTIALIS (*idem*)
 MOMMO (*idem*)
 MVRRANVS (*idem*)
 PATERNO (*Gália do Sul*)
 SABINVS (*La Graufesenque e Montans*)
 SECVNDVS (*La Graufesenque*)
 SEGITRITVS (*Portugal*)
 SEMPER (*Gália do Sul*)
 SENICIO (*La Graufesenque*)
 SILVIUS (*idem*)
 VALERIVS e PATRICIVS (*Gália do Sul*)
 VITALIS (*La Graufesenque*)

As duas estampilhas que poderiam ter datas mais altas são as de Albinus (14-79) e de Senicio (14-54); a maioria, porém, pertence a olarias que entraram em laboração a partir do reinado de Cláudio (41 da nossa era).

Faro:

MVRRANVS (*La Graufesenque*)

Fiães da Feira:

CASTVS (*La Graufesenque*)
CRESTVS (*idem*)

Mértola:

P. CORNELIVS [e FELIX] (*Itálico*)
VITALIS (*La Graufesenque*)

Milreu:

CHRESTVS (*Gália do Sul*)
SECUNDVS (*La Graufesenque*)

Nenhuma delas é anterior a 41 D. C.

Minas de Jales:

IVLLVS (*Montans*)

Molião:

CASTVS (*La Graufesenque*)
ERRIMVS (*Gália do Sul*)
FVSCVS (*La Graufesenque*)
PRIMVS & SCOTTIVS (*idem*)

Nenhuma é anterior a 41. A mais tardia poderja ser a de Fuscus (54-117)

Portalegre:

FRONTINVS (*La Graufesenque*)
SEGITRITVS (*Portugal*)

Retorta:

LASCVS (*La Graufesenque*)

Rouca:

Miccio (*Gália do Sul*)

Tróia:

CAIVS IVLIVS (*Gália do Sul*)
VALERIVS & PATRICIVS (*idem*)